

## **Educando e educador: as percepções dos licenciandos em música da UFCG a respeito de sua formação e de sua realidade profissional**

*João Valter Ferreira Filho  
Universidade Federal de Campina Grande  
joao.valter@ufcg.edu.br*

**Resumo:** O presente trabalho traz a tabulação e a análise dos resultados de uma pesquisa empreendida junto aos alunos de Metodologia do Ensino da Música II e de Estágio Supervisionado I da Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal de Campina Grande, com dados colhidos através de um memorial descritivo formatado a partir de modelo fornecido pelo professor. Lançando mão de uma fundamentação metodológica embasada nos referenciais da História Cultural, é feita a descrição das percepções desses alunos a respeito de sua própria trajetória de formação, seus anseios e preocupações, bem como de sua atuação profissional anterior ao curso superior e atual, além de suas perspectivas de trabalho futuro.

**Palavras-chave:** Licenciandos em música. Formação do professor. Realidade profissional.

### **Introdução**

O fluxograma da Licenciatura em Música da UFCG traz as primeiras disciplinas pedagógicas do curso bloqueadas a partir do terceiro período de estudos. Assim sendo, pelo menos em teoria, seria partir daquele ponto da grade curricular que os licenciandos passariam a travar seu primeiro contato com as realidades políticas, sociológicas, históricas e metodológicas da Educação Musical. Entretanto, é fato amplamente verificado no dia a dia que grande parte dos acadêmicos de Música já desenvolve, em maior ou menor intensidade, algum tipo de carreira profissional, seja no campo da performance ou do ensino. Isso acontece em decorrência de fatores diversos, devendo ser considerados aspectos como a demanda existente no mercado de Educação Musical formal e não-formal, as próprias realidades econômicas de cada licenciando e, ainda, especificidades locais, como, no caso de Campina Grande, o fato de que a Licenciatura possui apenas pouco mais de 5 anos de existência.

Visando formalizar e mapear de forma mais adequada essa realidade, realizamos junto aos alunos das disciplinas Metodologia do Ensino da Música II e Estágio Supervisionado I, matriculados no primeiro período letivo de 2015, um trabalho de anamnese com foco na história pessoal de cada um, abrangendo os processos de aprendizado e, posteriormente, de inserção no campo do ensino de música.

O trabalho englobou uma população de 23 licenciandos e um bacharelado, sendo 13 de Metodologia e 11 de Estágio. Ele foi apresentado em forma de Memorial, estruturado em três partes, segundo modelo fornecido pelo professor: **(a)** Eu, educando – onde o aluno foi instado a fazer memória de toda a sua trajetória enquanto aprendiz de música, elencando os principais educadores e referenciais de sua história, fornecendo dados e impressões a respeito de seu aprendizado musical e elencando as motivações que o fizeram procurar o curso superior; **(b)** Eu, educador – onde cada sujeito da pesquisa descreveu os caminhos que o levaram a ser um professor de música, bem como desafios iniciais e atuais e perspectivas de futuro profissional; e **(c)** Exibição de registros imagéticos e audiovisuais – onde o aluno teve quinze minutos para apresentar à turma fotografias, programas de concerto, cartazes de apresentações, *folders*, bem como vídeos e gravações de áudio de diversos momentos de sua trajetória musical. As partes “a” e “b” foram entregues por escrito.

## **1. Eu, educando: o licenciando de música e seu processo pessoal de educação musical**

Na primeira parte do trabalho o modelo fornecido pelo professor inquiriu os alunos a respeito de suas primeiras experiências com a música, solicitando informações sobre ambiente de aprendizagem, primeiros educadores e dificuldades inerentes ao processo de aprendizagem.

Os dados colhidos revelam o maior percentual, 41,6%, teve seu aprendizado iniciado através de bandas marciais, um tipo de atividade musical muito presente na sociedade paraibana em nossos dias. Oficinas e projetos em igrejas cristãs foram o primeiro ambiente de aprendizado musical de 33,3% de nossos alunos, sendo 25% em diversas denominações

protestantes e 8,3% na Igreja Católica. Um índice de 12,5% dos alunos teve familiares como seus primeiros professores, a mesma quantidade daqueles que aprenderam através de aulas particulares. Um percentual de 45,8% declarou ter frequentado em algum momento de sua formação musical os cursos de extensão da própria universidade. Esses alunos que passaram pela extensão ressaltaram que os conhecimentos adquiridos na extensão são essenciais para o pleno aproveitamento do que tem sido oferecido pela licenciatura até o presente momento.

No que diz respeito aos seus primeiros professores, incentivamos os licenciandos a fazer memória dos nomes, características e métodos empregados por aqueles que foram referência em sua história, como também a trazerem fotos e até mesmo gravações da atuação de seus primeiros educadores e figuras de referência. Tendo notado que grande parte dos alunos (29,1%) fez menção a uma suposta “falta de formação” de seus primeiros professores, fizemos questão de, ao final das apresentações, frisar a importância dos saberes não-formais, chamando a atenção para o fato de que, ainda que não de forma sistemática ou acadêmica, o ensino fornecido por aqueles primeiros tutores tem frutificado na própria atuação dos alunos ali presentes, como na vida de tantos outros que, mesmo não vindo beber às fontes acadêmicas, continuam desenvolvendo sua música nos mais diversos setores da sociedade. Um percentual de 25% dos alunos fez alusão a determinados métodos utilizados por seus professores como sendo excessivamente tradicionalistas e até mesmo rigorosos demais. Em tais questionamentos esses licenciandos estão se remetendo aos estudos das disciplinas cursadas nos períodos anteriores, quando puderam fazer paralelos entre as diversas concepções e tendências em Educação Musical. De fato, categorizações como as desenvolvidas por Fernandes (2013) têm contribuído bastante para uma compreensão mais ampla e fundamentada a respeito dos níveis de alcance que a escolha de uma identidade metodológica por parte de um professor terá em toda a vida futura de seu aluno de música. Aqui o discurso dos alunos deixou bem claro que as reflexões desenvolvidas por pesquisadores como Penna (2007; 2013), Souza (2008) e Del Ben (2012) – que têm apontado para uma Educação Musical focada na criação, na contextualização e em uma experiência mais ampla com o fenômeno sonoro em si – já se encontram

consideravelmente assimiladas entre os licenciandos da UFCG. Entretanto, também nesse ponto, optamos por uma intervenção reflexiva, no sentido de: **(a)** fazê-los perceber mais contextualmente os aspectos históricos e sociais que geraram e até mesmo favoreceram aquele determinado modelo de ensino musical e **(b)** salientar que, salvaguardadas eventuais interpretações ideológicas, é igualmente inegável a contribuição dada por esses educadores ditos tradicionalistas a uma considerável parcela de estudantes de música de diversos períodos históricos, inclusive na atualidade (FERREIRA FILHO, 2009).

Quanto à decisão de optar pelo curso superior de música, 20,8% dos alunos declararam ter buscado a universidade como preparação ou aperfeiçoamento para a carreira docente. Entretanto, a grande maioria (79,2%) apontou como principal motivação para entrar no curso superior o aperfeiçoamento da prática musical em si, sendo que 58,3% se remeteram a instrumentos específicos. Longe de nos surpreender, esse dado nos parece ser relevante porque, de alguma maneira, revela uma visão até certo ponto consensual entre a população externa ao curso: a de que os estudos musicais em nível superior constituem-se em puro e simples aperfeiçoamento técnico. Isso significa que esses alunos também possuíam essa percepção antes de ingressarem no curso. Ao comentarem as transformações conceituais verificadas ao longo dos períodos de estudo, 70,8% declararam uma considerável ampliação de sua visão no que diz respeito a esse conceito prévio, destacando essa nova percepção como algo bastante positivo.

## **2. Eu, educador: o licenciando enquanto protagonista do ensino e facilitador do acesso a saberes e experiências**

A seção do memorial que tratava sobre a vida profissional foi elaborada com vistas a trazer à tona as circunstâncias, condições e perspectivas profissionais dos alunos que, de alguma maneira, já trabalham com música.

Dentre os sujeitos da pesquisa, 79,1% já atuavam profissionalmente à época em que iniciaram o curso superior e 12,5% começaram a trabalhar após os primeiros períodos. Apenas 8,4% atualmente dedicam-se exclusivamente aos estudos. Isso comprova a informação que comentamos anteriormente, delineando, ainda, uma das principais

especificidades da Licenciatura em Música com relação à maior parte das outras licenciaturas: em nossa área, o educador muitas vezes é conduzido ao mercado de trabalho antes mesmo de concluir seus estudos de graduação. Dentre os que trabalham, o percentual de professores – entre concursados e temporários, nas redes de ensino particular, municipais e estadual – é de 100%.

O campo prático de trabalho é bastante diversificado. Somente 16,6% é composto de professores que desenvolvem seu trabalho em sala de aula regular. Os instrutores ou maestros de bandas marciais compõem outros 16,6% dos alunos, enquanto 25% desenvolvem projetos de ensino em ONG's, associações ou igrejas. As escolas especializadas de música aparecem como sendo o campo de trabalho de 20,8% dos licenciandos, ao passo que 29,1% também ocupam seu tempo de trabalho com aulas particulares de instrumentos. O PIBID Música aparece como uma das atividades docentes de 12,5% dos licenciandos e 8,3% desenvolvem trabalhos de música no projeto Mais Educação. Um percentual de 25% canta em algum coral e 83,3%, além de serem professores, também atuam profissionalmente como instrumentistas e cantores, seja acompanhando artistas locais em shows e recitais, seja tocando em bandas marciais, grupos instrumentais de repertório variado, bandas-baile, corais ou, ainda, atuando como *free lancers* em casamentos, recepções e ocasiões diversas. Esse último dado é interpretado por nós como positivo, uma vez que consideramos de grande importância uma percepção mais apurada por parte dos alunos com relação à sua própria identidade como músicos, protagonistas de um fazer musical que lhes proporcione prazer estético e até mesmo sensação de pertença ao universo musical.

Quanto aos métodos utilizados em sua prática de ensino, 91,6% declararam não adotar um método específico, lançando mão de apostilas e exercícios pinçados de livros diversos, ao passo que 37,5% alegaram estar utilizando um método próprio, de acordo com o nível e o andamento verificado em cada aluno ou grupo de alunos. Os métodos mais citados como fonte foram Suzuki, Pozzoli e Bona. Um percentual de 75% dos alunos afirma que tem utilizado regularmente em sala de aula atividades aprendidas durante as aulas das disciplinas da Licenciatura.

Ao se referirem às perspectivas profissionais futuras, 100% dos licenciandos declararam-se dispostos a continuar suas atividades docentes e 91,6% também manifestaram o desejo de, concomitantemente, dar prosseguimento à carreira de instrumentistas.

### **3. As informações verbais e não-verbais decorrentes das fontes imagéticas e audiovisuais**

Os quinze minutos que cada aluno recebeu para apresentar registros imagéticos e audiovisuais de sua vida musical conferiram ao trabalho um caráter mais informal e descontraído. De fato, Burke (2004), em suas reflexões a respeito do papel das imagens nos processos de reconstituição de fatos e períodos históricos, salienta a sua potencialidade, sobretudo no sentido de ativar lembranças e recordações. Isso pôde ser comprovado em nosso trabalho ao percebermos que diversas recordações de fatos e personagens que não estavam presentes nos memoriais escritos simplesmente vinham à tona durante a exibição das imagens e gravações. As intervenções dos colegas enriqueceram consideravelmente as exposições, pois, como assinala Thompson (1992) as memórias de processos educativos vivenciados no passado são mais frequentemente ativadas por comentários e perguntas orais que por entrevistas estruturadas e por escrito.

Quanto aos cartazes, *folders*, programas e similares, apenas 33,3% dos alunos apresentaram algum material. O restante dos alunos alegou simplesmente nunca terem pensado em arquivar esse tipo de material. Nesse momento fizemos uma intervenção no sentido de esclarecer à turma o caráter documental também desse tipo de fontes não convencionais, ressaltando a importância de seu arquivamento a fim de compor portfólios, futuros memoriais e até mesmo documentação complementar a seus currículos acadêmico-profissionais.

Como frisamos anteriormente, essa parte do trabalho proporcionou a todos um contato mais direto e subjetivo com as histórias, desafios e anseios uns dos outros. Ao expor para os colegas imagens de família, fotografias de pais e mães músicos, antigos professores, retratos de infância e de antigos maestros e colegas de banda, grupos etc, os licenciandos



tiveram oportunidade de empreender uma verdadeira viagem à sua própria identidade histórica, desencadeando um processo de anamnese partilhada e coletiva que favoreceu à turma uma compreensão mais vivencial dos processos de aprendizado e de iniciação profissional de seus colegas.

## **Considerações finais**

A pesquisa empreendida junto aos alunos de Metodologia e Estágio nos proporcionaram uma interessante visão panorâmica a respeito das origens, da realidade e das perspectivas dos licenciandos em música da UFCG. Acreditamos que, tendo vindo majoritariamente de bandas marciais e igrejas cristãs, nossos alunos possuem um perfil bastante adequado ao exercício da Educação Musical: o senso de partilha de conhecimentos e a habilidade para trabalhar em contextos coletivos e onde os conhecimentos prévios dos educandos são desiguais.

Os licenciandos declararam a importância de ter efetivado essa incursão à sua própria história, às suas motivações, desafios e perspectivas. Em outras palavras: perceberam a importância de saberem de onde vieram, para poderem ler adequadamente a realidade onde estão e, assim, planejarem conscientemente aonde gostariam de chegar.

Entretanto, muitos deles percebem ainda lacunas notáveis em sua trajetória de formação. Impõe-se para nós, professores do curso, a interrogação de como lidar com tais necessidades cognitivas e técnicas de nossos alunos, lhes proporcionando oportunidades de preenchimento dessas lacunas, mas, ao mesmo tempo, evitando concessões que, de alguma forma, viessem a comprometer a excelência no ensino daquilo que é próprio de um curso superior.

Outro dado que deve nos guiar em nossos planejamentos futuros é uma certa insegurança verificada em muitos alunos com relação a seu futuro profissional, sobretudo no que diz respeito às dificuldades inerentes ao desenvolvimento da Educação Musical na escola regular. Acreditamos que cabe também a nós, educadores em nível superior, oferecer aos nossos alunos não somente os subsídios metodológicos e os conteúdos cognitivos de nossa área, mas, sobretudo, propor para eles chaves de leitura da realidade, pistas que lhes

ajudem a localizar seu próprio perfil profissional, potencializando suas próprias habilidades e tornando-os aptos a fazer escolhas cada vez mais conscientes e consistentes, a fim de que possam, com comprometimento social e competência educativo-musical, mergulhar destemidamente no campo de trabalho que se desdobra à sua frente.



## Referências

- BURKE, P. *Testemunha ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- DEL BEN, L. *Sobre ensinar música na educação básica: ideias de licenciandos em música*. *Revista da ABEM*, Londrina, v.20, n.29, pp. 51-61, jul/dez. 2012
- FERNANDES, J. N. *Educação Musical: temas selecionados*. Curitiba: CRV, 2013.
- FERREIRA FILHO, J. V. *História e Memória da Educação Musical no Piauí: das primeiras iniciativas à Universidade*. Teresina, 2009. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: UFPI, 2009.
- PENNA, M. *A Lei 11.769/2008 e a Música na Educação Básica: quadro histórico, perspectivas e desafios*. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, v.19, n.37, p.53-75, jan./jun. 2013
- \_\_\_\_\_. *Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.16, p. 49-56, mar. 2007.
- SOUZA, J. *Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões*. In: SOUZA, J. (Org.) *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, p.7-12, 2008.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.